

O QUE A INVESTIGAÇÃO SOBRE O ERRO NA FALADA CRIANÇA DEVE A SAUSSURE

ROSA ATTÍE FIGUEIRA

DEPTO DE LINGUÍSTICA, IEL, UNICAMP - GRUPO DE PESQUISAS EM AQUISIÇÃO
DA LINGUAGEM (GPAL)

RÉSUMÉ: Cet article a pour but de vérifier l'adéquation des idées de Saussure (1916/1970; 2002) au phénomène de l'acquisition du langage, en étudiant quelques faits concernant: a) la segmentation divergente de la chaîne sonore, témoignage irrécusable d'une écoute diverse de la chaîne sonore; b) des innovations avec le préfixe des-; et c) la variation morphologique dans la flexion verbale. Les deux derniers faits de l'acquisition du portugais nous amènent à une révision de la notion de "overextension", renommée par nous "transbordância", à l'égard des idées qui se dégagent de la lecture de Saussure, tout en faisant connaître la contribution de cet auteur à l'étude de ce qui est nommé des "fautes" dans l'acquisition de la langue maternelle. Les données sont recueillies dans un Journal et dans les enregistrements hebdomadaires, à l'âge de 3,4-5 ans ("corpora" de A et J). Elles sont reprises des publications préalables sur les fautes (Figueira 1995, 1999, 2000, 2001, 2003).

1. BREVE INTRODUÇÃO

Precisamos de bem pouco esforço de argumentação para introduzir o pensamento saussureano na abordagem dos fenômenos afeitos ao processo de aquisição da língua materna. Mas, evidentemente, o que nos mobiliza neste *rendez-vous* é o desejo de explorar as vias de acesso abertas pelas idéias do mestre, naquilo que a singularidade da fala da criança, nos seus passos com a língua materna, nos instiga a recolher do "legado de Ferdinand de Saussure" – para usar aqui a expressão que dá nome a este encontro. De nossa parte, a força desse aparato teórico foi se mostrando como um caminho a ser seguido desde o momento em que, ingressando no universo empírico que eleger o "erro" como dado de eleição¹, enfrentamos a necessidade de expor a maneira como a criança se encontra submetida à língua, em instâncias que permitem flagrar a condição de sujeito capturado pela língua (usa-se aqui o termo posto em circulação por De Lemos, a partir de 2002).

¹ Figueira 1984, 1991/1996, entre outros, publicações resultantes de pesquisas apoiadas pelo CNPq. Número do processo de bolsa de produtividade atual: 307828/2009-3.

Com efeito, a exploração do domínio empírico constituído pelas “ocorrências divergentes” - expressão com a qual propusemos designar o que a literatura conhece pelo nome de “erros”² - nos faz ler com redobrado interesse o *Curso de Linguística Geral* e, mais recentemente, o livro *Écrits de Linguistique Générale*.

Para esta apresentação, selecionamos um conjunto de dados de fala de crianças aprendendo o português (língua materna), começando por episódios que apontam para uma escuta diversa, que se atesta por segmentação divergente da cadeia sonora, episódios que por se revestirem de efeito cômico, não deixam indiferentes nem o observador comum, nem *a fortiori* o pesquisador da área. Serão introduzidos na seção 2.1. Extraídos do Diário, fonte nada negligenciável quando se trata de captar ocorrências singulares da criança na sua relação com a língua³, podem - como adiante se verá - ser identificadas como peças de um bem-apanhado anedotário familiar⁴. Neste enquadramento - que não abre mão de dados de Diário, mas se amplia para dados oriundos de gravações sistemáticas de dois sujeitos⁵ - seguiremos para outros domínios, nos quais a ordem da língua se mostra - transbordante - em erros que afetam o léxico e a morfologia verbal. Dois conjuntos de dados serão então revisitados (seção 2.2 e seção 2.3): as inovações verbais para a expressão de ações de desfazer (Figueira 1995, 1999) e os “erros” sobre itens verbais, a exhibir morfemas flexionais destoantes de sua conjugação (Figueira 2000, 2003). Procuraremos mostrar que as idéias que se depreendem da leitura do *Curso* e de algumas passagens do livro *Écrits de Linguistique Générale* orientam-nos para uma revisão da noção de “overextension” - por nós renomeada “transbordância” - fazendo ver uma ausência injustificável da contribuição de Saussure para os trabalhos que, na área de Aquisição de Linguagem, debruçaram-se sobre os processos reorganizacionais para o estudo dos chamados “erros”.

Neste universo de ocorrências que, de maneiras muito variadas, mostram-se divergentes da fala adulta, a referência a Saussure não se limita à abordagem dos erros que convocam o fenômeno da analogia⁶, estendendo-se também a outros, que resistem a uma interpretação mais simplista. Assim, a primeira observação é no sentido de assinalar essa lacuna - lacuna que os estudos nascidos de uma abordagem como a que tem sido levada por investigadores filiados à proposta de explicação da mudança (no processo de aquisição da linguagem) como efeito da captura do sujeito pela língua (De Lemos, 1992, 2002, 2007), se inclinariam a preencher.

² Figueira 1995. A partir de 1991, a expressão “ocorrência divergente” foi por nós adotada em substituição a “erro”. Visa recobrir todo o universo de ocorrências insólitas, imprevisíveis que apontam na fala da criança durante o processo de aquisição da linguagem.

³ Numa pesquisa apoiada pelo CNPq (2003 e 2006), defendemos a relevância do dado de Diário na metodologia dos estudos de Aquisição de Linguagem, assinalando que o efeito sobre o interlocutor é parte integrante e essencial na sua descrição.

⁴ A expressão “anedotário familiar” é usada por Albano (1990).

⁵ Trata-se de A e J, meninas acompanhadas entre 2;6 e 5 anos de idade aproximadamente, através de notas de diário e de gravações sistemáticas. Convenções notacionais: D para diário, G para gravação, inicial para o nome das crianças, M para mãe.

⁶ A analogia como fenômeno que alcança, com certa visibilidade, a produção linguística da criança, tem em Saussure, nas duas obras atrás referidas, um grande terreno de discussão. Neste artigo será considerada em relação a dois conjuntos de dados (2.2 e 2.3), reservando-se para futuro trabalho uma exploração mais longa e detalhada, inclusive colocando-se em discussão aquilo que tal noção, confrontada com a teoria do valor, obriga-nos a considerar criticamente, quando o objeto é a mudança na fala da criança.

2. DISCUSSÃO E ANÁLISE

2.1. Segmentação divergente em dados anedóticos

Reunimos nesta seção algumas seqüências de fala que se apresentam como ocorrências - ao olhar do leigo, curiosas; ao olhar do especialista, instigantes – por força de exibirem uma condição especial da criança. Diante da materialidade sonora, como resultado de uma escuta divergente, exibe episodicamente em sua fala unidades de língua em lugar incomum: o nome próprio. Como em (1) e (2) adiante, peças retomadas de um artigo em que o efeito (cômico) da fala da criança é tematizado (Figueira 2001).

Acrescidos de dois outros, procedentes do material de uma criança aprendendo a falar francês como língua materna, tais episódios recolocam a questão da delimitação de unidades lingüísticas e trazem Saussure para a ordem do dia (e para a pauta deste *rendez-vous*), fazendo-nos recordar do próprio *Curso*, exemplos como: /si je laprã/, seqüência que se oferece a dois distintos cortes: *Si je l'apprends, Si je la prends*.

Mas a particularidade de nossos dados está em trazer à consideração um domínio - o nome próprio - que o próprio Saussure supôs resistente a operações da ordem da língua⁷. Como o leitor poderá ver, nos dados aqui selecionados, a massa fônica - aberta à homonímia - faz aparecer, de maneira a surpreender o interlocutor, recortes de significante e de significado, em franca e aberta divergência em relação ao que seria esperado, atestados irrecusáveis de que a pauta sonora não é unívocamente recebida. Não passam, por isso, despercebidas de nenhum observador, menos ainda do investigador, que se indaga sobre o que tal fala – divergente - representa em termos da relação do sujeito com a língua.

Consideremos o episódio (1). É primoroso e merece ser transcrito na íntegra⁸.

- (1) (diálogo entre um menino e sua tia, no qual o primeiro pede notícias sobre Teobaldo, o gato com que brincara nas férias)
- M. Tia, e o Baldo?
- A. O quê? Quem?
- M. O Baldo.
- A. O quê?
- M. O Baldo. *O meu Baldo, o teu Baldo.* (i) (D - 3)

Abriremos a descrição deste episódio considerando o efeito produzido pela seqüência final (i), certos de que este aspecto é parte relevante da própria análise a ser oferecida ao dado (v. nota 3). Ao ouvi-la, somos afetados como se tivéssemos diante de uma brincadeira, mas tal como produzido pela criança, o dado apenas dá testemunho – e de maneira exemplar – que *Teobaldo* comporta-se naquela fala como duas unidades: *teu* e

⁷ Recordemos a passagem: “As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. *Paris, Genève, Agen*, etc), que não permitem nenhuma análise e por conseguinte nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles” (op. cit.: 201).

⁸ Trata-se de um registro que me chegou pelas mãos de uma colega, Francisca Lier de Vitto, a quem sou grata. Sua análise já figurou em outros escritos. A excelência do achado autoriza-nos a repeti-lo.

Baldo, aptas a entrar numa relação com *meu Baldo*, como a última fala dá a ver. A língua, nas malhas da qual esse garoto já se encontra capturado, mostra-se de forma aberta e irrecusável, neste exemplo. O que orienta o corte é o fato de a sequência *Teobaldo*, um nome próprio, permitir que nela seja encontrado um nome (*Baldo*, que não fica tão longe de *Paulo*, *Saulo*, etc), a se deixar preceder por *teu*, posição aonde cabem: *meu*, *seu*, *nosso*...

Valérie, sujeito de Aimard, é pródiga em episódios dessa natureza, como viemos a descobrir consultando alguns artigos desta autora. Por exemplo, a seqüência em que, após ouvir: *Je prends une petite herbe*, exclama a menina: *Un petit air bête!!!* (Aimard 1975:33), expondo a nós, pesquisadores, outra cadeia, na qual a homonímia deve ser convocada como explicação. Já do livro de Bonnet & Tamine-Gardes um registro que vale a pena transcrever é o de Delphine (1984: 51):

- (I) (Delphine 3;4 a cueilli des fleurs)
X. Est-ce que tu sais comment s'appellent ces fleurs...ça s'appelle des primevères.
D. Non, c'est des primes jaunes.

Na última fala, um enunciado que cabe bem numa estrutura de réplica⁹. Em tempo: *primevère* é o nome de uma plantinha, cuja flor é amarela.

Os dados das crianças francesas deveriam ser melhor aproveitados, e isto seria, a nosso ver, alcançado quando se toma a direção de explorá-los com respeito a um aspecto da linguagem que conhecemos como sendo o da equivocidade. Senão vejamos. Lá onde tal condição conduz para um - e também para outro - recorte da massa sonora, aquele apanhado pela criança entra em confronto com o que é suposto (pelo interlocutor) ser o único a habitar a seqüência – fato que justifica o efeito de surpresa, que acompanha tais episódios.

É útil acrescentar o efeito que, para o observador de fora, tal embate assume: um ar de jogo¹⁰. Jogo, cuja sede são as palavras, e cujos protagonistas são, no caso presente, uma criança e um adulto, respectivamente. Apanhados ambos pela língua. Lá onde a cadeia de sons criou, para o primeiro deles, a oportunidade - acrescentemos agora - de acomodar bem situado corte de sentido. Sublinhemos “bem situado”, porque o jogo se instala no interior de domínios morfossintáticos capazes de - gramaticalmente - acomodá-los. A questão de o corte vir a operar-se mais aquém ou mais além passa pela acomodação a uma grade ou cadeia para a qual concorrem simultaneamente um fato de léxico (o sentido que vai se alojar numa unidade) e um fato de sintaxe ou morfossintaxe, pois é dentro de uma estrutura

⁹ Definimos réplica como sendo um enunciado que cabe na estrutura Não é X, é Y, na qual X e Y são signos autônimos (Figueira 2001). Através dela, rejeita a criança uma afirmação do adulto, apondo-lhe outra, comportando em seu interior uma nomeação questionada.

¹⁰ São inúmeros os jogos ou brincadeiras verbais entre adultos - adivinhas e pegadinhas - que se sustentam dentro de uma estrutura léxico-gramatical potencialmente ambígua. Ver exemplos em Marini-Iwamoto (1999 e 2005). O que é notável nestes espaços - e convém ter isto em mente ao se analisarem tais peças - é que, quando se joga com a língua, é a ilusão da univocidade o ponto de partida. Com efeito, é necessário que os jogadores a tenham como horizonte, para que, adiante, no desfecho - quer da pegadinha, quer da adivinha - tal suposição venha a ser posta abaixo, no desvelamento do outro sentido, também afeito à mesma seqüência linguística. Em breve, o efeito de desconcertamento só instala a partir da quebra de uma (pretensa) idéia de univocidade.

gramatical que as unidades se situam. Em breve, criança e adulto, em cortes distintos, transitam pela língua, que, longe de ser unívoca, tem a particularidade de ser equívoca. Exemplos em francês foram aqui unidos para dar a dimensão do fenômeno em mais de uma língua. Escolhemos o francês, mas o leitor pode consultar Peters (1983), para a aquisição do inglês, com acesso a interessante episódio em que *behave*, é recebido pela criança, como (*be*) *have*.

Neste ponto chamamos a atenção para o seguinte fato: em nenhum dos casos, até agora mencionados, há na criança uma divisão tal que esta possa, por reconhecer que há uma diferença entre o que atribui à cadeia ouvida e aquilo que, em contrapartida, se lhe é apresentado pelo interlocutor, ser levada a rir sobre tais lances de linguagem.

No caso de (I), por exemplo, o aspecto curioso ou engraçado de ver encaixados significados numa seqüência - em princípio indivisível (*primevères*) - não afeta a criança como um jogo sobre a língua; há simplesmente o jogo (insisto em manter o termo...) da alternância (*primes verts / primes jaunes*), que apanha ou captura a criança e a faz recortar dois signos (*jaunes* contra *verts*), intercambiáveis naquele ambiente¹¹. É por conta disso que passa-lhe despercebido o potencial de gracejo que a sua fala comporta. E é também por isto que tais acontecimentos são chamados de ingênuos¹². Perguntamos ainda: não seria também por conta disso e de outros fenômenos tais como os resultantes de uma extensão analógica que levaram Saussure a se impressionar com a fala da criança de 3-4 anos de idade? (v. citação ao autor, adiante).

Dito isto, nossa reflexão pode prosseguir agora na direção de tirar proveito da análise que advém do outro episódio - (2) - a ser contrastado com (1)¹³.

- (2) (na piscina, numa situação informal, A procura se aproximar de uma moça, perguntando-lhe o nome; a moça diz: Dagmar. A criança repete a pergunta três vezes, a moça respondendo *Dagmar*. Na quarta vez:
 A. Como cê chama?
 D. Dagmar.
 A (entre curiosa e brincalhona). *Ah, Dagmar! Não é Dagchão?*
 D.?!
 OBS: Era a primeira vez que A falava com a moça e a primeira vez também que ouvia esse nome. (D - 5;3.16)

Contabilizemos: depois de ouvir o nome Dagmar quatro vezes, “entre curiosa e brincalhona” - como está registrado pela observadora - A dispara o gracejo: *Dagmar?*

¹¹ A criança está de primeira na língua, (assim escrevemos em outro lugar), no embate da forma a se que atribui um sentido ou do sentido que vem recobrir uma forma.

¹² Termo que recolhemos de Freud, do livro “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. A fala do garoto, sem ser um chiste, tem, contudo, a aparência de chiste - poderia assinalar alguém. Seu efeito engraçado nasce do mesmo fato sobre o qual assentam os verdadeiros chistes, da boca de adultos, peças cuja técnica é a da similaridade fônica (cf. Freud, op. cit). Recai sobre um nome próprio, justamente um tipo de nome que é alvo fácil, entre adultos, de trocadilhos e brincadeiras. Ex: *Serafim, Serafim qual será o seu fim?*

¹³ Postas lado a lado, (1) e (2) conferem-nos a oportunidade de mostrar o que De Lemos (2003) chama de *segunda e terceira posição*, respectivamente.

Não é Dagchão? É por um movimento súbito que um segmento (*mar*), torna-se apto por um instante a se fazer comutar com *chão*, o primeiro destacado, na fala de A, como unidade.

- O que dizer deste episódio? É igual a (1)? Ou a (I)? Não, não completamente. Neste caso, pode-se dizer que a criança se escuta falando (ou depois que fala...), porque ri do resultado, ri daquela fala em que, pela “complacência” relativa da palavra (entendendo-se aqui “palavra” num sentido mais amplo, isto é, como cadeia de significantes potencialmente aberta à homonímia), o jogo se efetivou¹⁴. Tal não pode ser dito daquele garoto que insiste em pedir notícias do Baldo. (Nem de Valérie, ou Delphine em (I), acrescentemos). Nestes, resta a criança indiferente àquilo que, ao adulto, vem a se afigurar como um surpreendente fato de língua, apto a ser recebido com um sorriso.

Deste pequeno exemplário, composto de quatro ocorrências envolvendo homonímia potencial, com resultados evidenciados ou testemunhados na segmentação da cadeia sonora, diríamos que em três delas o riso ou a surpresa estão reservados ao interlocutor, o único caso cujo desfecho engraçado alcança ser, digamos assim, “aproveitado” pela criança, sendo o episódio (2), pertencente ao “corpus” de A. Apenas neste o falante pode rir de sua própria fala. Indo além da informação solicitada (um pedido trivial de nome, que como resposta deveria bastar), a criança tira partido do que ouve, chegando, na seqüência, a uma brincadeira pela qual um nome próprio torna-se alvo de riso. No caso do menino, em (1), ou de Delphine, em (I), se é verdade que se chega a outra ordem, atestada por uma segmentação que pode causar espanto (a outrem), dela resta alheio o próprio emissor. Não se lhe pode imputar nenhuma autoria sobre façanha linguística alguma... Há sim um feito, e este - se assim podemos dizer - é da *Língua* (uso o termo em maiúscula), que, no caso do menino em (1), mostra-se no último enunciado do diálogo, numa série associativa. Alojada, ou diríamos melhor, desalojada do nome próprio. A última fala: *O meu Baldo, o teu Baldo*, espécie de chave para a compreensão da charada “involuntária” colocada para a interlocutora, é uma pequena série, desencravada do nome próprio! Há efeito lúdico, sim. Mas corre o risco de ter seu gozo limitado ao interlocutor da criança. Ou, se melhor, ao observador da fala desta.

A oportunidade de rerepresentar esses episódios abre a reflexão sobre a questão da delimitação de unidades lingüísticas, que se desprendem de ocorrências que são, a maioria delas, únicas, sem sucedâneos nem precedentes, na história daquele sujeito que as protagonizou.

Mas é com um corpo mais extenso de dados que seguiremos com as idéias de Saussure, atravessando agora um território da aquisição de linguagem bastante visitado. Retomamos então dois domínios empíricos: a expressão das chamadas ações de desfazer (ou *reversal*

¹⁴ Segundo nos parece, há, no *continuum* sonoro, um *quantum* de matéria fônica, cuja similaridade material como outros elementos, postos em relação, torna-se responsável pela nova ordem semântica imposta à pauta sonora.

¹⁵ Farto registro de dados, procedentes das filhas, fundamenta a primeira parte do artigo de Bowerman, destinada aos reversos. Vale a pena percorrer este material (Bowerman op.cit.: table 11.1), de que são exemplos: 3;9 : *This is poeey that's coming out of here. (in tub, showing cup with spouting out of the holes) And that's how to make it uncome. (blocking holes with hand)*; 4;7 : C. *I hate you ! And I'll never unhate you or nothing ! M. You'll never un hate me ? C. I'll never like you. ; 4;11: Will you unopen this? (wants D to take lid off styrofoam cooler). Já para o francês os exemplos nos chegam de Clark (op.cit.:235): *déprocher* ‘to un-approach’ (from *approcher* ‘to approach’/adult *éloigner* ‘to go away, depart’), (3;6) ; *détourner* ‘to un-turn’ (from *tourner* ‘to turn around’ meaning ‘to go back in the opposite direction’), (3 ;9) ; *débâtir* ‘to un-build’ (from *bâtir* /adult *démolir* ‘to knock down, demolish’), 3; 10.*

verbs), pela via da criação de novos verbos (2.2) e os erros envolvendo verbos regulares, em sua face flexional (2.3). Há exemplos análogos, em língua inglesa e francesa para os reversos (Bowerman 1982¹⁵ e Clark 1993) e, em língua francesa, em menor proporção, para os verbos (Clark 1993). A linha de interpretação oferecida ao primeiro domínio, embora reconheça aspectos muito importantes no artigo de Bowerman, “Reorganizational processes in lexical and syntactic development”, dele se distanciará em alguns aspectos fundamentais, aspectos que foram, aliás, expostos em nosso estudo sobre a aquisição dos verbos prefixados por des-, em duas publicações: 1995 e 1999¹⁶.

2.2 . As ações de desfazer.

Algumas de nossas ações sobre entidades do mundo (não todas¹⁷) têm a possibilidade de serem revertidas. São conhecidas na literatura pela designação de *undoing actions* (Clark 1993), e recobrem, no vocabulário da língua, aqueles itens que exprimem reversão do processo expresso pelo verbo.

Começar por esta caracterização pode ser útil porque leva a reconhecer prontamente, do universo cotidiano da criança, o largo contingente de ações de voltar-atrás, ações em que criança e interlocutor se vêm envolvidos, sobretudo em comentários ou requisições para reconduzir um objeto a seu estado anterior. Chamá-las de ações de desfazer, ou, alternativamente de ações de voltar-atrás, é uma variação terminológica que pode ser investida de alguma diferença relevante, quanto ao estado do objeto que vem ou virá a sofrer a mudança. Explicamos: se sobre este pesa a expectativa de uma ação reparadora (pois o estado é não-desejado), parece mais adequado a expressão volta-atrás; caso contrário, caberia a outra designação, mais neutra, ação de desfazer¹⁸.

Expressas na língua aos pares: *apagar/acender; amarrar/desamarrar; ligar/desligar; abotoar/desabotoar; abrir/fechar; encher/esvaziar; entrar/sair; etc* – fazem ver que o português conta, para exprimir uma ação e o seu reverso, com pares morfológicamente relacionados (*ligar-desligar; abotoar-desabotoar; amarrar-desamarrar*), e com pares em que não há nenhuma base morfológica comum (*abrir-fechar, encher-esvaziar/*

¹⁶ O material de Christy e Eva, exposto no artigo supracitado serviu-nos de inspiração, para que nos idos de 1991, déssemos início à nossa própria análise, com exemplos análogos em português. Mas diferentemente de Bowerman, que convoca Whorf, nossa adesão foi a Saussure e na primeira hora.

¹⁷ Aprender quais admitem essa possibilidade e quais não também é uma questão para a criança na infância. As de quebrar um prato ou derramar o leite, por exemplo, não admitem volta. Já surpreendi na face de crianças pequenas um olhar de espanto diante desses desastres domésticos irreversíveis. Ou de contrariedade, pela impossibilidade de voltar atrás, muitas vezes linguisticamente expressa por formas do tipo: *Não dá para desquebrar?* Muito bem apanhada para ser usada em tais ocasiões é, aliás, a expressão da língua, já cristalizada em fórmula: *Não adianta chorar pelo leite derramado* - acrescentemos a título de observação, não de todo marginal.

¹⁸ Valorizadas em espaços em que a organização se impõe como norma de vida, são alvo de alguns escritos anônimos, como um, intitulado “Organize-se”, recolhido num escritório, do qual transcrevo o começo: *Se você acendeu, apague / Se você abriu, feche / Se você desarrumou, arrume (...)*. Como nota o leitor, as três primeiras “sugestões” colocam em tela ações que visam reconduzir o objeto a seu estado anterior.

¹⁹ Em Figueira 1999, na análise da aquisição dos verbos prefixados por des- em português, trouxemos à discussão a noção de arbitrariedade (vs motivação), a qual não será retomada aqui.

murchar, entrar/sair, apagar/acender). Redizendo, de maneira a aproveitar a discussão sobre o arbitrário em Saussure: pares onde vigora o arbitrário relativo (ou o relativamente motivado) e pares onde vigora o arbitrário absoluto, respectivamente¹⁹. Ou, mais simplesmente: coexistem no vocabulário dois procedimentos: o morfológico e o lexical. Pois bem, na fala da criança registra-se, em certa altura, o seguinte fenômeno: formas prefixadas por des- (de- ou di-) acontecem sobre itens que usualmente não tomariam este prefixo. Surgem erros; ou, melhor dizendo, ocorrências divergentes; ou ainda, seguindo Bowerman, “novos verbos”. Analisadas em trabalhos anteriores, tais ocorrências – em dados de A e J – serão, em parte, retomadas neste estudo²⁰.

Consideremos o primeiro dos dados de A (v. Anexo). Aos 3;11 registra-se, na fala de A, a primeira ocorrência via neologismo, onde se pode reconhecer o procedimento morfológico associado ao prefixo. Na advertência que a mãe faz à filha sobre o estado do leite, ocorre o item *quente: tá quente*. Este é retomado pela criança, no turno seguinte, na forma verbal *diquenta* - forma pela qual A indica à mãe uma ação: a de desesquentá-lo (*então diquenta*). Sob a forma de di- preposto, temos assim uma requisição para alterar o estado da entidade leite: de quente para não-quente. Segue-se um número expressivo de ocorrências semelhantes, recolhidas por volta da mesma idade, tanto na fala de A, quanto na fala de J. Do conjunto total, selecionamos as que compõem o quadro I, no Anexo.

Para explicá-las não basta dizer que passa a existir o reconhecimento do sentido de que está investida a forma des- (a identificação de um morfema de sentido reversivo), e que este, posto a funcionar produtivamente, é superestendido, acabando por atingir ou afetar as formas ditas supletivas. É preciso expor a organização interna de que procede a palavra nova, e o que daí se segue; uma vez que o signo, parte de um sistema, não poderá ser visto isoladamente. Para tal convocamos, em artigo de 1999 (cf. Figueira, p. 203) o que se encontra expresso em dois capítulos do Curso de Linguística Geral: “Relações Sintagmáticas e Relações Associativas” e “Mecanismo da Língua”, tornando presente a contribuição de Saussure para o estudo deste fragmento da aquisição do português. Lá firmamos o seguinte:

No momento das formas divergentes, a fala da criança se mostra afetada por dois tipos de relação:

a) por uma relação sintagmática, na medida em que se destaca des- como uma porção independente do restante da cadeia sonora (fato que poderia ser redito da seguinte maneira: a criança identifica um morfema e a sua carga semântica);

b) por uma relação associativa, na medida em que, numa cadeia virtual, *desmurchar* e *desabrir* são colocados juntos a *desligar, desabotoar, desamarrar, destampar*, etc;

Cabe ainda dizer – como fazemos questão de sublinhar - que desta segunda relação depende a primeira, que só pode ocorrer com o prévio alinhamento de formas. São, portanto, relações interdependentes, indissociáveis uma da outra. Como bem mostram os verbos criados pela criança, trata-se de ceder a um modo de funcionamento da língua a que ela, a criança, já está submetida; numa estrutura que já a capturou, para usar o termo – muito bem encontrado – da teorização de De Lemos (op. cit.).

²⁰ Pela limitação de espaço, a análise toma, do conjunto de dados recolhidos (16, do *corpus* de A; e 9 do *corpus* de J), apenas uma amostra, apresentada no Anexo. Neste mantivemos a numeração original dos dados, tal como consta na publicação (Figueira 1999), em que figuram de maneira mais completa.

Perguntêmo-nos agora: em que o fenômeno da *overextension* chamado a explicar muitos dos erros morfológicos encontrados no processo de aquisição da linguagem (em português e em outras línguas) falharia em captar deste conjunto de formações, constituído pelos dados de A e J, elencados em 1 ?

Definido como a extensão de um padrão, tal noção faz por esperar que as entidades linguísticas afetadas sejam aquelas assimiláveis pela representação de um cálculo: a) se *amarrar - desamarrar*, *abotoar - desabotoar*, etc, então: *zipar - deszipar*; *laçar - deslaçar*; e, estendendo um pouco mais a exemplificação (para uma finalidade que ficará clara abaixo): *convidar - desconvidar*, *oferecer - desoferecer*. Igualmente: se *amarrar - desamarrar*, *abotoar - desabotoar*, etc: então: *abrir - desabrir (= fechar)*, *fechar - desfechar (= abrir)*; *apagar - desapagar (= acender)*, etc. Fato que, no Curso de Linguística Geral, encontra plena acolhida no capítulo sobre a analogia, onde Saussure anuncia o raciocínio de uma quarta proporcional, considerando inovações do léxico adulto.

Na fala da criança, ilustramos este movimento com dois neologismos, um de J e um de A: (19) A. *Cê tá deszipando*; (32) J. *Deslaça*. E para o caso de não deixar de fora, neste ponto da exposição, os neologismos dos adultos, acrescentamos o diálogo, em contexto de volta-atrás, ouvido numa reunião de departamento: *Ofereceu a disciplina? Então desofereça*²¹; e o registro de jornal: *Convidou o ministro? Então desconvide*, em contexto semelhante. Nada de tão surpreendente até aqui: o léxico do português, quanto a este processo de prefixação, rende bem mais formações do que as acima exemplificadas. Deixamos ao leitor conferir...

Voltemos à criança. No caso da aquisição de linguagem, outras formações, ampliam o quadro empírico e levam o estudioso a considerar o que mais está em jogo quando se trata de observar a fala da criança, com respeito àquelas ações de desfazer que, na língua adulta, se fazem expressas por itens distintos, sub-domínio das formas ditas lexicalmente marcadas, nomeado também pela gramática como o das formas supletivas,

Começemos por notar que assumir a superextensão (ou o processo de analogia) como única explicação para os “erros” observados na fala da criança levaria o investigador a esperar que o segmento das formas supletivas se visse afetado pela pressão estrutural do procedimento morfológico. Ou seja, as duplas lexicais em que a reversão se faz passar por itens distintos seriam tomadas pelo processo de prefixação, produzindo erros – digamos - previsíveis: *desabrir* (para *fechar*), *desmurchar* (para *encher*). Pois bem, isto vem de fato a ocorrer, como se vê, através de 17 e 18, dados de A: *Cê diabriu*. (*desabrir = fechar*); A. *Ela demurcha outra vez?* (*desmurchar = encher*).

²¹ Um comentário à margem: acabo de ver que esta forma da língua (*desoferecer*) recebeu um grifo vermelho do computador. Foi barrada como palavra não existente... A máquina, despreparada para corresponder a um léxico de formas possíveis, não presta conta do fato de que qualquer falante que nunca tenha ouvido tal palavra seja – ao se defrontar com ela pela primeira vez – capaz de atribuir-lhe um sentido. Ora, isto é parte do que concebemos como saber uma língua. Quanto ao inglês, não podemos deixar de assinalar que Bowerman considera a possibilidade de formação de novas palavras, ao reconhecer que *Will you unbreak this?* poderia ser uma requisição para ter algo consertado, ou que *How can we unmelt this candy bar?* poderia ser dito num dia quente (cf. op. cit: 324).

Se a estes dados a nossa amostragem fosse restrita, a fala da criança viria corresponder a um bem comportado cálculo, na medida em que, além de:

a) preencher lacunas da língua pela via da morfologia: *dezipar, deslaçar*;
b) invade os subdomínios em que a expressão via morfologia se detém: *desabrir = fechar* (o inverso também sendo suposto ocorrer: *desfechar*²² = *abrir*), registrando-se em sua fala, aquilo que, do ponto de partida teórico de quem assume uma hipótese baseada na *overextension*, seria suposto encontrar. Ocorre, porém - e foi este o fenómeno que mais nos chamou a atenção - um movimento não esperado, a produzir um furo na tabela de cálculo projetada acima. O processo da *overextension* não dá conta de explicar algumas das formações novas da criança e o uso que se faz delas em sua fala. Como será visto abaixo.

O dado 30, confrontado com 17, mostra que *desabrir* poderá significar também “abrir”, e não apenas (como se poderia supor) “fechar”. Assim é que na fala de A. *Cê diabriu!* (= fechou; 4;1.17) *desabrir* é a forma para *fechar*, mas na fala de J. *Eu vou desabrir o perfume* (= abrir; 4;5.17) *desabrir* é a forma para *abrir*. (Quanto a *desfechar*, este é, na fala de J, a forma para expressar *fechar*: 31 (em tom de crítica, ao ver a mãe manipular, hesitante, a torneira do chuveiro). *Desfecha... e abre.* (= fecha; 4;6.2²³). Diferença individual no percurso de cada sujeito com a língua materna? Esta possibilidade é bem plausível, mas fica em segundo plano quando, avançando a observação para outro verbo: o ítem *murchar*, vamos encontrar, na fala do mesmo sujeito (A), *desmurchar* para significar *murchar*: A. *Dimurcha aí...* (= *murcha*; 4;1.13), ao lado de uma ocorrência em que o mesmo item significa - como esperado pelo padrão de superextensão - *encher*: A. *Ela demurcha outra vez?* (= *enche*; 4;0.19)²⁴. E para que não se pense que este fato atinge apenas os itens acima, apomos outro exemplo, oriundo de um episódio que, dentro do corpo de dados, detém uma saliência maior enquanto material de análise, uma vez que permite contemplar a forma divergente da criança imediatamente adjacente à forma do adulto, em contexto de repetir a fala deste para apresentá-la a terceiro (discurso citado). Assim, consideremos mais de perto 27.

- (27) (a empregada, mãe e filha tiram o pó dos móveis para levá-los para a outra casa; a mãe tinha dito à primeira para limpar os móveis)
A (repetindo para a empregada). *Minha mãe falou para dilimpar.*
M (interessando-se). *Como é, minha filha ?*
A. *Cê falou prá dilimpar, não é ?* (D - 4;9.3)

A criança tinha acabado de ouvir a mãe dizer à empregada que esta deveria limpar os móveis. Ao repetir a ordem da mãe para a moça, A diz: *Minha mãe falou para dilimpar*, usando o verbo *dilimpar*, forma esta que é reiterada pela criança, após pedido de confirmação solicitado

²² Não esqueçamos que *desfechar* é forma dicionarizada. Mas restrita a uma expressão com certo grau de cristalização: *desfechar um tiro*, cujo sentido - incoativo - é o de “disparar um tiro”, “abrir fogo”. A expectativa, sobre a fala da criança, seria a do surgimento de um *desfechar* em contextos produtivos (ex: *desfechar a porta / a lata (abrir a porta / a lata)*).

²³ Contra-exemplo evidente para a formulação expressa em b, parágrafo anterior.

²⁴ Tais enunciados de volta-atrás foram produzidos nos seguintes contextos: *Dimurcha aí* ocorre quando a criança aperta a barriga para esvaziá-la; *Ela demurcha outra vez?*, quando a criança deseja saber se a bexiga que fora esvaziada enche novamente.

pela mãe: *Cê falou pra dilimpar, né?* (4;9.3). Perguntemos: o que faria um observador ingênuo ou um leitor morfológico (uma máquina) preparado para receber formações neológicas, derivadas de um processo de extensão de regra? Interpretaria a fala da criança como uma orientação para a empregada sujar os móveis! Como não é esta a leitura a ser oferecida à fala de A, o esperado é que, à parte a própria surpresa diante da produção linguística da criança, seja oferecida uma descrição que alcance este e os outros dados análogos (*desabrir* (= *abrir*); *desfechar* (= *fechar*), *dimurchar* (= *murchar*). Abaixo segue uma parte do encaminhamento descritivo que dei a eles em publicação de 1999 (Figueira op. cit: p. 204 e ss.), e que já incluía Saussure e a teoria do valor.

Aquela forma que se deixa prefixar por *des-* na fala de A não pode ser tratada como sendo a mesma da fala do adulto. Não é possível atribuir-lhe a mesma identidade, pois procede cada qual de um estado de língua. No do adulto, formações em *des-* coexistem com outras (como *abrir-fechar*; *limpar-sujar*; *encher-murchar*; *entrar-sair*) e encontram-se numa relativa estabilidade; no da criança, encontram-se afetadas por um fenômeno de transbordamento, o qual, visto da perspectiva da gramática do adulto, exibiria o que poderia ser designado como sendo a suspensão ou a dissolução dos limites de cada subconjunto. Assim é que, dos itens produzidos pela criança, não se poderá dizer que tenham o mesmo significado, nem o mesmo valor que seus supostos correspondentes no sistema linguístico adulto. Para tomar o exemplo levantado pelos dados (18), (20) e (23), o *murchar* da criança, naqueles usos, não dispensa a marca morfológica e tem um estatuto cambiante enquanto significado. Ele significará, com o concurso de *di-* preposto, tanto *encher* (mesmo processo que explica *diquentar* na sua fala), quanto *murchar* (mesmo processo que explica *dilimpar* na sua fala). Enquanto perdure este estado, a tarefa de interpretar as falas em que ocorrem tais bases prefixadas por *des-* acaba, em algumas situações, transcorrendo por conta do contexto de enunciação, que orienta o interlocutor quanto à direção da mudança, em geral levando a bom termo o que se quer dizer. Quanto ao investigador: falar em marca redundante (ou efeito paradoxal) para *dilimpar* (= *limpar*) ou *dimurchar* (= *murchar*) é desconhecer o fato, por nós apontado acima, de que as unidades do léxico da criança não coincidem, neste momento, com as do sistema linguístico adulto. Note-se que é a teoria do valor que vem de encontro a estes achados empíricos, uma vez que contribui para fazer ver que os itens que comparecem na fala da criança, embora revestidos da mesma substância material do que aqueles que circulam na fala adulta, não têm a mesma posição, num sistema de valores. Fato que pode ser atestado de maneira simples: o *limpar* de A em 27 não prescinde da marca morfológica, o mesmo acontecendo com *murchar* nos usos acima referidos.

Prosseguindo, o que mais haveria a dizer sobre os fatos – ou diríamos melhor, surpresas (se cedemos ao efeito produzido sobre o interlocutor...) - que nos reservam as falas da criança, nos seus 3-4-5 anos? Respondemos com três episódios: (21) e (22), de A, registrados no mesmo dia e em situação de fechar um guarda-chuva; e (37), de J, registrado numa situação de responder ao cumprimento de um papagaio (*desoi, desoi, desoi*), em ocorrência difícil de interpretar, a que tentativamente chamamos de contra-cumprimento.

As duas primeiras exibem composições com o prefixo sobre bases não imediatamente identificáveis como sendo verbos (*di-lipe* e *di-porta*, de A). A outra, (37), uma composição sobre entidade que não é nem nome nem verbo, em escolha distribucional incomum, na qual *des-* surge prefixando aquilo que se chamaria de interjeição (*des-oi, des-oi, des-oi*, de J). Resistiria a noção de *overextension* a tais ocorrências? Parece que teria de ser revestida de outra dimensão, aquela que reconhece no funcionamento linguístico experimentado na

infância a possibilidade de transvariar (o termo nos parece ser bem este...) num movimento (o da substituição) – sem deixar de sê-lo completamente no outro (ou seja, conformando-se ao lugar ou ponto de combinação da cadeia sintagmática que constitui limite de unidade). O produto encontrado, conquanto divergente²⁵, ainda se deixa explicar pelos mecanismos linguísticos, como explicado brevemente abaixo.

Relativamente aberta pelo eixo de combinações *in absentia*, que correm no contexto di-....., o aspecto da língua ao qual as formações divergentes (21) e (22) não podem deixar de corresponder é, no caso, o da ordem sintagmática. Conforme se pode ver, o que retira a fala de A da deriva, em tais episódios, é - como já exposto (Figueira op. cit.) - o fato de que há nas ocorrências um evidente afixo reversivo, preposto a uma forma que em tal posição só pode ser recebida como um V. O que quer que signifiquem *porta* e *lipe*, o lugar sintagmático que tais formas vêm a ocupar na cadeia faz do bloco um V e de sua enunciação uma requisição à mãe para reconduzir o objeto a seu estado anterior.

Um comentário a mais antes de prosseguir. Como interlocutores podemos, ou interrogar a criança, ou nos interrogar a respeito de tais formas. Corremos o risco de ficar sem resposta. Caso, aliás, de (21). - *O que é dilipe?*, pergunta a mãe; A se esquivava de uma resposta, apressando-se em dizer: *Abaixa aqui, vai.* (tratava-se de um guarda-chuva aberto). Já como investigadores, há sim algo que é possível avançar: *lipe*, uma seqüência CVCV (de acordo com o padrão fonológico do português), comporta-se naquela posição como um V, veiculando sentido reversivo, pela presença de di- preposto. A “base verbal”, embora nunca antes ouvida, provém desse fundo comum de combinações de entidades linguísticas, improvisada ou criada por uma criança.

Quanto a (22), *diporta*, uma exploração de como *porta* veio fazer um gancho com *di-*, leva-nos – como investigadores - a lugares bem interessantes de exploração. Dado que a situação colocava em cena uma sombrinha aberta (que a criança desejava fechar), diante da dificuldade em fazê-lo, A pede ajuda à mãe, através de uma combinação: *diporta*, que parece ter sido atravessada por outro ato de fala, no qual a visada é também uma alteração de estado, mas sobre outra entidade: *porta (feche a porta)*. Perguntamos: *diporta*, num movimento incomum, não teria retido desta, apenas o segmento final? Da insólita composição, reiteramos o que dissemos acima: não importa a substância material do que vem a ocupar a cadeia di-....., o bloco será um V e o ato de enunciação uma requisição para a mãe fechar a sombrinha. Embora divergente, reside aí um aspecto do que chamamos funcionamento simbólico, do qual o sujeito já é cativo.

Neste ponto da exposição, segue-se como um fato a ser devidamente avaliado e explorado às últimas consequências, a questão da (im)previsibilidade. O tipo de pesquisa desenvolvido, na medida em que coloca em observação dois sujeitos, dá acesso à comparação do percurso seguido por cada qual, permitindo avaliar este ponto. Conquanto seja possível dizer que ambas, A e J, produzam formas divergentes (ou cometam “erros”), não é possível, conforme pode o leitor verificar, prever quais formas serão por cada sujeito afetadas pelo movimento da

²⁵ Ditas “enigmáticas”, tais ocorrências ensejaram uma distinção “erro reorganizacional” vs “erro enigmático”, que, ao cabo, mostramos não ter razão de ser (Figueira 1995), sendo mais interessante assumir que, na língua, o mesmo e o diferente convivem numa tensão permanente.

prefixação. Por exemplo: A criou o verbo *dilimpar*; J não registra este, mas, por outro lado, em seu material encontramos: *dessair* (= *sair*), *desmudar* (*mudar*)²⁶, que não são registrados no *corpus* de A. E mesmo no interior do material de um mesmo sujeito, não é possível encontrar formas que procedam de um movimento univocizante, que alcance todos os objetos linguísticos assimiláveis ao padrão regularizador. (A extensão analógica, se existe, tem que ser entendida como restrita ou errática). A constatação de tal quadro heterogêneo abre a perspectiva para uma hipótese que valorize aspectos singulares do percurso de cada sujeito com a língua materna.

Antes de passar à outra seção, devemos uma palavra em torno de uma pergunta que surge naturalmente e se impõe à consideração quando se trata de reconhecer que a fala da criança é singular ou especial. Trata-se de nos interrogarmos a respeito do grau de estranheza que a fala da criança suscita no ouvinte. Será que aquilo que escutamos na fala da criança nos é totalmente estranho? Correndo o risco de não ser interpretado? Destituído de sentido?

- Não, sentimos a novidade lexical, por isso a chamamos neologismo – ou, repondo aqui a feliz expressão de Bowerman, “novel verb”. Sim, um novo, mas que nos é familiar. Vejam-se os itens *deslaçar*, *desmurchar*, da fala da criança; ou *desoferecer*, *desconvidar*, da fala do adulto. E isto nos faz voltar a Saussure, para colocar em destaque duas passagens bastante conhecidas do Curso de Linguística Geral, em que a questão das inovações é focalizada. Uma encontra-se no citado capítulo sobre a analogia, outra no capítulo sobre as relações sintagmáticas e associativas.

Uma palavra que eu improvise, tal como *in-decor-ável*, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como *decor-ar*, *decor-ação*,: *perdo-ável*, *manej-ável* : *in-consciente*, *in-sensato* etc, e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la. (Saussure, op. cit., p. 193)

“Quando uma palavra como o fr. *indécorable* ou port. *indeclinável* surge na fala (...), supõe um tipo determinado e este, por sua vez, só é possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua (*imperdoável*, *intolerável*, *infatigável*, etc).” (Saussure, op. cit., p. 145).

Vê-se, assim, que na perspectiva aberta por Saussure de maneira nenhuma o investigador ficaria obrigado a aceitar a idéia de estabilidade ou fixidez; permanência definitiva, produtos imutáveis. A estabilidade, se existe, não é mais que momentânea e até certo ponto ilusória²⁷. A um momento dado, as unidades, sentidas pelos falantes, (e aqui estamos pensando no processo de aquisição da língua materna, mas não exclusivamente), podem por si só dar origem a formações que resultam neológicas – mas que convocam matéria velha. Continuando com Saussure, encontramos, numa passagem do *Curso*, a essência daquilo que explica as novas formações: “(...) reciprocamente toda repartição

²⁶ Aqui convocamos o leitor a conhecer os dados de A e de J em sua totalidade através das publicações mencionadas. Interessante também é percorrer os dados de Christy e Eva, sujeitos de Bowerman, para analisar este ponto. Tal como observa a autora, na aquisição do inglês houve um percurso distinto das duas crianças quanto à criação de novos verbos, creditado a um fator: as diferenças individuais no processo de aquisição de linguagem.

²⁷ No mesmo capítulo (A Analogia), diz Saussure: “Em nenhum momento um idioma possui um sistema perfeitamente fixo de unidades” (op. cit: p.199).

determinada de unidades supõe a possibilidade de o seu uso estender-se” (Saussure, CLG, p. 198). Diríamos melhor: transbordar-se, tendo presente o fenômeno que vimos acontecer no quadro 1 relativamente aos itens reversos. Cogitamos aqui a possibilidade de nomeá-lo como “transbordância” - num rasgo de inovação (por sinal alinhado com outros itens da língua)²⁸.

Neste ponto da exposição, convém deixar claro que, se a língua – na fala da criança – cumpre tal movimento, o melhor espaço de observação deste fenômeno encontra-se, a nosso ver, de fato na morfologia, mas, ainda melhor ilustrado nos domínios que, em teoria lingüística, identificaríamos como sendo fortemente afetados pela alomorfia; como o caso, em português, das conjugações verbais. É para este domínio que vamos dirigir a nossa atenção na seção seguinte, começando por uma indagação.

2.3. A criança e os verbos regulares: há erros?

Conforme é sabido, o fenômeno da super-regularização toma como campo privilegiado de observação os erros que acontecem no domínio das formas ditas irregulares, expondo os *fazi, sabo, quisei, cabeu, trazeu*, e tantos outros ouvidos na boca dos pequenos entre 3 a 5 anos. Para aqueles estudiosos que contemplam o erro na fala da criança apenas como o lugar de eliminar exceções (a partir de um padrão dito regular), uma questão bem colocada deveria ser: - e quanto aos verbos regulares? Não erra a criança, neste domínio?

Podemos afirmar que sim, a partir da observação longitudinal direta de dois sujeitos (as mesmas crianças: A e J, do bloco anterior) e de um terceiro, M, a cujos dados tivemos acesso através do trabalho de Maldonade (2003). Os erros observados nos primeiros deram lugar a um estudo (Figueira 2000, Figueira 2003²⁹), do qual retomamos apenas o essencial, nesta seção.

Em certa altura de seu percurso com a língua, observam-se tanto em A quanto em J falas em que verbos de segunda ou terceira conjugação tomam sufixos de primeira conjugação, e em que verbos de primeira conjugação tomam sufixos de segunda-terceira conjugação³⁰. Destoantes, chamam a atenção como formas deslocadas de seu lugar. Na verdade, estas combinações procedem de formas que se deixam alinhar com outras, seja de uma cadeia latente (a caminho de associações), seja de uma cadeia adjacente à fala, fenômeno que pode, à inspeção pelo estudioso, vir a se tornar

²⁸ Cumpre este neologismo o papel de designar esse momento no processo de aquisição da língua, em que esta parece – ao olhar de fora - atravessar limites.

²⁹ A publicação, em francês, para a revista CALAP, foi seguida por outra, em português, inclusa no volume *Saudades da Língua*. Ambas, precedidas pela análise preliminar: “Os Lineamentos das conjugações verbais na fala da criança. Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística”, publicada em 1998.

³⁰ Justificamos o agrupamento: no português as formas da segunda e da terceira conjugação coincidem em alguns tempos e pessoas, por exemplo: primeira pessoa do pretérito perfeito (ex. *eu bati, eu parti*) e primeira ou terceira do imperfeito (ex. *eu/ele batia, partia*); estabelecendo-se assim um contraste maior entre a primeira conjugação, de um lado, o bloco da segunda e terceira conjugações, de outro.

mais (ou menos...) evidente. Longe de convergirem para um movimento univocizante ou regulado por um escalonamento (num intervalo de tempo, alinhamento pela primeira; noutro, alinhamento pela segunda e terceira conjugação³¹, característico em cada um deles da conformação a um padrão único), comparecem tais erros em todas as direções, inclusive – é preciso não esquecer – convivem com acertos. Sem corresponder a uma direção única e previsível, como suposto em alguns modelos, tal material coloca em xeque (ou pelo menos cria alguns embaraços) para uma hipótese concebida dentro dos chamados processos reorganizacionais³².

O quadro 2 do Anexo é uma amostra de falas de A e J exibindo erros que afetam as terminações dos (digamos assim) “bem-comportados” verbos regulares de primeira, segunda e terceira conjugação, mudando a feição do verbo pela terminação divergente que vêm a receber. E desta amostragem não excluímos alguns irregulares, pois estes acabam por conta da regularização caindo – desnecessário dizê-lo - numa das conjugações e como tal interessam a nosso recorte empírico. Veja-se o caso de (47) e (48), em que *fazer* – em forma regularizada - se alinha, na fala de J, ora a um verbo de segunda conjugação (*fazeu*), ora a um verbo de primeira conjugação (*fazou*), em registros que se dão no mesmo dia. E dentro de um mesmo episódio - (16) – a outra criança, A, “navega” entre a terminação de terceira (*perdiu*) e de primeira (*perdou*), para um verbo – *perder* – que pertence à segunda (*perdeu*)! Tal flutuação afeta também (tomemos agora um verbo regular) o ítem *entender*, surpreendido em dois episódios – (13) e (14), bem próximos entre si quanto ao registro - ora na sua forma “correta”, convergente com a do adulto: *entendeu*, ora flexionado como um verbo de primeira: *entendei*, e também de segunda-terceira: *entendiu*³³.

Ao abordar tais ocorrências³⁴, fizemos ver basicamente duas ordens de fatos, que já sinalizavam senão conclusões, pelo menos apontamentos importantes³⁵:

- a) os erros convivem com formas corretas, identificáveis em todas as gravações da criança (com os mesmos verbos ou com outros verbos do mesmo tipo), o que permite concluir que a fala da criança não fica submetida ao funcionamento cego de uma regra, que se aplicaria atingindo todos os alvos. (O produto disto – como pode concluir o leitor - seria o desaparecimento completo dos acertos, conformados durante um certo período, a um único padrão, de maneira uniforme e identicamente previsível);
- b) embora marcas da primeira conjugação (sobre verbos de segunda ou terceira) se manifestem com alguma regularidade em certa altura, este fenômeno não é

³¹ Para a descrição de formas divergentes na constituição do paradigma verbal, a noção de *overextension* fora abandonada em 1998, em favor de um fenômeno que, inspirada em Saussure, chamei de “alinhamento” de formas. As ocorrências dos *corpora* de A e J podem ser conhecidas na sua totalidade na publicação de 2003.

³² Bowerman (op. cit), na seção “Rule replacement” de seu artigo, menciona, entre domínios aptos a tais processos, aqueles ricos em variação morfológica, como o nome na língua russa. Estudiosa do português, língua de morfologia mais rica do que o inglês, prontamente me interroguei sobre o que a investigação sobre o erro incidindo sobre a flexão dos verbos poderia representar neste contexto de discussão.

³³ Não procederemos à análise das ocorrências alistadas uma a uma. Deixamos ao leitor verificar o que se passa com as falas de A e J, consultando o Anexo.

³⁴ Em pesquisa ao CNPq, entre 1993 e 1995, prolongando-se até 1997.

³⁵ Retomo quase integralmente o que vai às p. 496-7 da publicação de 2003.

exclusivo, convivendo com outros em que as marcas existem no sentido inverso. Não há evidência, portanto, de movimentos na direção de organização exclusiva ou escalonada de classes de sufixos por conjugação.

Diante da impossibilidade de se prever sobre quais objetos lingüísticos incidam os sufixos (não exclusivamente no domínio da observação de um mesmo sujeito, mas também quando se comparam dois ou mais sujeitos)³⁶, fomos levados a concluir pela dificuldade em “explicar tais dados num modelo que busca estabelecer uma ordem ou níveis de organização ou de representação sucessivos (mesmo que se admita que movimentos de ida e vinda aí possam ter lugar)”. (op. cit:497). Declinamos assim da possibilidade de explicar a coleção de dados pela via dos processos reorganizacionais (Bowerman 1982 ou Karmiloff-Smith 1986), reconhecendo nos erros “o movimento da língua atravessando a fala da criança, tornando visível a heterogeneidade das marcas – neste caso, morfológicas – que concorrem em um ponto da cadeia ou da estrutura, à expressão de um sentido” (op. cit:498). Ou, usando outra expressão, procedente da teorização de De Lemos (1992/1998: 167), tratava-se de constatar “o efeito da linguagem sobre a própria linguagem”³⁷, pelas substituições que se operam sobre itens verbais, em sua face flexional.

No mesmo artigo, particularizamos a análise considerando mais de perto alguns exemplos, nos quais a explicação para o erro convergia para o material manifesto, presente. Como em (39), onde é fácil notar que a forma assumida por *cortar* – *cortia* (em lugar de *cortava*) – é sonoramente solidária com *batia*, por uma harmonização de significantes, num tipo de enunciado – o contrafactual - que detém estrutura sintático-semântica fortemente articulada.

(39) “...e se a Ju batia a lata bem forte e cortia a cara? “(= ...e se a Ju batia a lata bem forte e cortava a cara?).

Outro exemplo é (40), que dispensa comentários. Falando sozinha com a boneca, A diz:

(40) “Ai, nem me diga! A senhora nem vai me digar”.

A forma *digar* (em vez de *dizer*) “cola-se” diretamente a *diga*, presente na expressão cristalizada *nem me diga*, do enunciado anterior.

Quanto a (17), este episódio, como o leitor pode ver (em consulta ao Anexo), apresenta o verbo *entender*, produzido corretamente até a fala citada: “*Agora eu entendi*”, A partir daí o que se ouve é: *Daí ela entendi* (em vez de: *Daí ela entendeu*), ocorrência em que *entendi* parece ter sofrido harmonização com *entendi*.

³⁶ Comparem-se, a este respeito, os dados de A e de J: os verbos submetidos à flexão divergente não são os mesmos. Embora haja algumas coincidências (como *aprender*, flexionado como *aprende*).

³⁷ A citação completa a De Lemos remonta a uma passagem do artigo de 1992 (aqui citado a partir de sua republicação em 1998), no contexto da reinterpretação que faz a autora dos processos reorganizacionais: “Se a experiência com a linguagem não supõe uma atividade consciente, o efeito reorganizador de ouvir e produzir enunciados deve ser interpretado como efeito da linguagem sobre a própria linguagem”.

Se tais exemplos de nossa amostra representam a possibilidade de apostar na cadeia sintagmática como fonte das ocorrências divergentes, não é isto que acontece em outras, para as quais é uma relação *in absentia* que precisaria ser convocada. Tal idéia, presente igualmente no artigo de 2003, será aqui reforçada. Tentaremos colocá-la de pé, a partir de uma ocorrência - a de número (24), de A - destacada do conjunto de dados, por oferecer uma dupla ocasião de refletir sobre a “singularidade” da fala da criança.

A criança usa em sua primeira fala - (i) - um verbo por outro: deveria dizer *consegui*, já que tem êxito na manipulação de um brinquedo; em vez disso o que surge é o verbo *tentar* (*tentei*), fato que chama a atenção da mãe, conduzindo-a a interrogar a criança com um *hein?*. Daqui, passamos para o segundo fato: a criança responde à indagação da mãe, através de uma fala hesitante - (ii) - cujo interesse está, a nosso ver, no que pode revelar sobre as relações *in absentia*. Consideremos mais de perto a resposta (ii) de A.

- (24) (A se esforça para encaixar a peça de Play mobil em outra; quando consegue diz satisfeita)
 A. *Ai! Tentei!* (i)
 M. *Hein?*
 A. *Tenti. Tentei.* (ii)
 M. *Não... Cê “conseguiu”.* (G – 4;8.14)

Tentar, verbo de primeira conjugação, toma, na primeira produção da criança (*tenti*), a marca de um verbo de segunda conjugação (ou terceira, pois as duas convergem nesta forma). Mas, o importante é assinalar outra coisa, a saber: nesta realização o item *tentar* recebe a terminação do verbo que deveria aparecer naquela enunciação e não apareceu, qual seja: *conseguir*, seu par semântico - se entendermos a dupla *tentar-conseguir* como suportando uma relação semântica relevante, a unir o ítem que recorta a ação na direção da consecução de um objetivo (*tentar*), a outro, que expressa o resultado ou cumprimento desta (*conseguir*)³⁸. Em breve: a forma *tenti* dá a ver, por debaixo da curiosa flexão, a relação com a palavra esquecida!

Tal dado ilumina a análise de outros do quadro 2. Seja por exemplo *ouçava* (em lugar de *ouvia*), *dirijar* (em lugar de *dirigir*), ocorrências (8) e (3), respectivamente. E para não ficar apenas em dados de A, acrescentemos um de M, sujeito de Maldonade, aposto ao final do quadro 2: *lembri* em vez de *lembrei*. Não seria possível enxergar, nestas formas, as marcas de sua relação com outras, justamente aquelas evocadas por uma relação (de associação) semântica? Seja notado que não seria mais com uma forma presente na cadeia do enunciado, como em (39), (40) e (17), mas com uma forma que procede de uma relação *in absentia*. Na linha de interpretação hipotetizada para *tenti* (em vez de *tentei*, utilizada, por sua vez, no lugar de *consegui*), perguntaríamos agora: *ouçava* (em vez de *ouvia*), não guardaria as marcas de seu par semântico *escutava*? E, de forma semelhante, perguntaríamos: *dirijar* (em vez de *dirigir*) não guardaria as marcas de sua relação com *guiar*, seu par por uma relação de sinonímia? E também, *lembri* (em vez de *lembrei*, em dado de M) não revelaria algo de sua relação com *esqueci*, com o qual faz par numa relação de oposição de sentido?

³⁸ Este par foi, entre outros, objeto de estudo em tese de doutorado, 1985, desenvolvida sobre os dados de A.

Deixemos no ar a indagação, convencidos de que se a língua é uma estrutura e a criança se encontra ao sabor de ser capturada por ela, o que quer que venha a acontecer na sua fala, isto convocará o eixo sintagmático e o associativo. É assim que a língua revela seu movimento – efeito da língua sobre ela mesma - em instanciações que têm a particularidade de mostrar combinações diferentes daquelas que, adiante, imobilizar-se-ão em produtos cristalizados. Produtos cuja imobilidade não poderá ser desfeita, a não ser em acontecimento muito original da fala adulta: o *lapsus linguae* (de que um pouco adiante nos ocuparemos).

Achados como os que registramos na fala das crianças dão ao observador a impressão de um estado muito especial de língua, estado em que aquilo que a descrição lingüística descreveria como sendo combinações de raiz + alomorfe estão suspensas (ou afrouxadas), podendo – a depender de cadeias de associação - encontrar arranjos surpreendentes.

Retomemos os dados sob outro ângulo. Os erros não duram para sempre. O desaparecimento dos erros – destino a que a fala da criança vai um dia corresponder – exige que se tenha em conta a pergunta: haverá um ponto em que o processo aberto pelas relações, venha a se fechar? Nos domínios gramaticais que admitem variação, como o das conjugações verbais, é de se esperar que a delimitação recíproca crie seus próprios limites ou pontos de cessação. Isto é o que - supõe-se - acontece no estado de língua exemplificado pela fala do adulto. Não é o que acontece na fala de algumas crianças, onde o fenômeno da transbordância (como estamos preferindo nomear tal movimento) cria para o observador a oportunidade de contemplar, pela multidirecionalidade dos erros, este universo de formas estranhas, não-compatíveis com a conjugação a que o verbo – na fala adulta - pertence³⁹.

Tão estranhas que seguiram acima nomeadas como “erros” - designação a que, nesta seção, acabei por ceder, por acomodação ao fato de que soam de fato como erros, violações... Mas resgato agora a designação proposta, ocorrência divergente, convencida de que tais achados testemunham um estado em que as combinações raiz + sufixo circulam sem as amarrações do estado de língua representado pela fala do adulto. Alheias assim ao fenômeno de afunilamento representado pela alomorfia. Estranhas aos ouvidos de qualquer falante adulto, conduzem o investigador a se perguntar: de onde vêm tais formas? Por onde passaram tais formas? À primeira pergunta, responderia: da língua; à segunda, responderia dizendo que cada uma das combinações divergentes de que (3), (8), (24) são exemplos, levanta o véu de uma associação *in absentia* que se tornou presente na desinência emergente do outro verbo com o qual fez um laço de associação. Tais ocorrências presentificam, deste modo, uma relação com o domínio latente em que as entidades *flutuam* – para usar aqui as palavras do próprio Saussure, em passagem posta em destaque por De Lemos (1992)⁴⁰.

³⁹ Estado transbordante de língua, de limites ainda não fixados, exhibe combinações morfológicas que, adiante, serão barradas pelas escolhas consolidadas.

⁴⁰ Nosso foco são as estruturas morfológicas, mas é bom notar, com De Lemos (2006, p. 29), que “estruturas manifestas podem fazer aparecer estruturas latentes a que estão relacionadas”, tal fenômeno podendo incidir sobre unidades de maior extensão do que o morfema ou a palavra, como nas ocorrências analisadas pela autora. Acrescenta ainda De Lemos que “dizer que relações estruturais são submetidas a um processo de obliteração não quer dizer que elas tenham sido apagadas”, cabendo antes dizer que foram eclipsadas, “como a lua permanece visível mesmo sob a sombra da terra” (id., p. 31).

Como falantes adultos (ou melhor, ouvintes), nosso estranhamento diante de tais formações (*oucava* em vez de *ouvia*, *aprendei* em vez de *aprendi*, *fechi* em vez de *fechei*, etc) é pronto e consensual. Ele advém da essência do fenômeno da alomorfia – ponto nodal que acontece à criança⁴¹, em seu processo de captura, de desarmar, abrindo-se a tais combinações. Comparecendo em sua fala aí pelos seus 3, 4 ou 5 anos, somente serão de novo experimentadas por ela, já adulta, nos raros casos de lapsos de língua. Escorregões dos quais, se apressará em corrigir, desculpando-se...

Enquanto criança, não. Na maioria das vezes, produz tais sequências, indiferente ao espanto que possa provocar; e quanto à correção que se lhe possa advir, por parte do adulto interlocutor, o diálogo⁴² que transcrevemos abaixo é bem eloqüente e pode dar uma idéia a respeito⁴³.

(Cr. de mais ou menos 3 anos abocanha o dedo do adulto, seu interlocutor)

Cr. *Eu mordei* seu dedo.

Ad. Não é “mordei”, é “mordi”.

Cr. *Eu si!* (= eu sei)

Como o leitor pode ver, nem *sabo*, nem *sei*, a criança nos brinda com um *si*. Alinhado com a forma ali adjacente? Podemos pensar que sim, e, neste caso, o que volta na combinação “iné dita” não é radicalmente novo. Retomando expressão de De Lemos, efeito da língua sobre a língua⁴⁴, como também será possível dizer “efeito da língua sobre a língua”, do movimento que deu lugar a *tenti* (em vez de *tentei* - em lugar, por sua vez, de *consegui*).

Chegando a este ponto, cabe-nos contemplar as ocorrências divergentes sob 2.3 ao lado daquelas formações neológicas com des- (2.2), para reconhecer, ainda com Saussure, que o novo é construído em cima de matéria velha. Afirmção que se harmoniza com a bela e irretocável formulação do mestre sobre a língua, que lemos à p. 200 do Curso: “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”.

Um comentário agora pessoal. No ofício de estudar e ensinar Linguística, somos confrontados com muitas definições para língua, mas a mim que trabalhei no espaço destas criações (os reversos, as formas verbais destoantes por conjugação), não vi nenhuma definição mais certa do que esta. Ela introduz a metáfora de um tecido feito (e refeito, eu diria) de remendos da sua própria matéria.

⁴¹ Neste ponto, para sermos mais exatos, deveríamos dizer: “que acontece a algumas crianças”, pois conforme nos fez notar Claudia Lemos, neste, como em outros domínios, a generalização não é possível. Há criança que não “erram”, outras cuja incidência de “erros” é visível por certo período, declinando num compasso nem sempre comparável ao de outra(s) criança(s).

⁴² Recebi este dado de uma aluna da pós-graduação. Sou grata a ela.

⁴³ O leitor não pode deixar de aproveitar o dado (52) de J. Corrigida pelo interlocutor, repõe a forma, adequando-a, porém, ao estado de língua, que lhe é próprio: *Coubeu*.

⁴⁴ Retiramos esta expressão do trabalho de De Lemos, para o qual convergimos em 2003, na interpretação dos erros sobre o paradigma verbal.

O *Curso* de Saussure (ou o Saussure do *Curso*) é uma fonte, por si só inesgotável para a Lingüística e também para a área de Aquisição de Linguagem. Mas quando se vai aos *Écrits de Linguistique Générale*, vamos encontrar, entre as páginas 160-161, alguns parágrafos inspiradores sobre a fala da criança, um deles apto a recolocar a discussão sobre o fenômeno da analogia (pela menção a um erro de regularização sobre o verbo *venir*, na forma do futuro: *venirai*, em vez de *viendrai*); e, ao mesmo tempo, capaz de oferecer ao leitor a impressão causada pela fala da criança sobre o próprio Saussure. Desta passagem gostaríamos de reter a idéia de que a língua é um tecido, imagem que nos faz olhar para este objeto – a língua – como algo que se faz e se refaz com os produtos que nela se encontram, em superfície ou em latência.

“On ne peut mieux se rendre compte de ce que c’est [le phénomène d’analogie] qu’en écoutant parler quelques minutes un enfant de trois ou quatre ans. Son langage est un véritable tissu de formations analogiques, qui nous font sourire, mais qui offrent dans toute sa pureté et sa candeur le principe qui ne cesse d’être à l’oeuvre dans d’histoire des langues”. (op. cit: 160; grifo meu)

A afirmação acima ainda nos levaria mais longe, recuperando para um prolongamento de discussão os fatos elencados em 2.1. Com efeito, o trecho acima nos faria recordar que a fala da criança, por abrigar fatos como os de escuta (e conseqüente segmentação) divergente, aproxima-se do fenômeno das falsas etimologias, encontrado na história das línguas. Ambos têm a ver com a delimitação de unidades lingüísticas (os exemplos podem ser buscados no próprio Saussure no cap. “A Etimologia Popular”, ou em Ulmann)⁴⁵. De outra parte, assemelhado, mas não totalmente identificado com o primeiro, temos o fenômeno das inovações lexicais, que, na história das línguas e igualmente no processo de aquisição da língua, dão entrada no léxico através da morfologia. Os novos verbos prefixados por des- ilustram este fato. Sendo como são - produtos de matéria velha - não é de estranhar que algumas nos soem curiosamente familiares, outras ainda esbarrem num emprego que reconheceríamos como poético.

Tal é o caso, a meu ver, de (26), uma ocorrência de A que exhibe duas falas muito interessantes: *O carro ficou demexendo* e *Elas (as árvores) ficam demexendo com o frio*.

- (26) (a mãe se dirige de carro, da chácara para a cidade; na saída da estrada de terra para a pista de asfalto, “arranca” mal: o pneu range e o carro trepida)
A (avaliando o desempenho da mãe). Hoje não foi bom. O
‘carro *ficou demexendo*. Sabe o que parece, mãe? Parece
que ele tá com frio.

⁴⁵ Oferecemos um exemplo simples: o povo diz *depedrar* (em lugar de *depedrar*, como está no dicionário), porque afetado pela idéia de lançar pedras, que associa-se ao significado “devastar”, “roubar”, de *depedrar*. A criança (e, por vezes, o adulto também) diz *imundar* em lugar de *inundar*, por encontrar uma ligação entre o estado (imundo) que resulta de uma inundação... *Caimbota* (para *cambalhota* ou *cambota*), registrado na fala de A, sugere que a criança tornou presente na palavra uma associação do movimento com o ato de cair. Tais exemplos e tantos outros conduzem-nos a olhar com simpatia a afirmação que nos chega de um escritor – Mía Couto – ele próprio tão perto, em sua escrita, de se deixar apanhar por tais movimentos. “A criança estréia no mundo fazendo outro matrimônio entre as coisas e os nomes” (Couto, M.: p. 21).

- M. Tem razão, filhinha.
 (pouco depois)
 A. Eu gosto do frio. O frio faz o cabelo da gente ficar bonito.
 (prestando atenção nas árvores agitadas pelo vento)
 A. Olha ! Eu acho essas arvore tão linda... Grande...
 Elas *ficam demexendo* com o frio. Eu quero morar nesse lugar, mãe. Floresta.
 M. Mas você já mora num lugar que tem muitas árvores, Anamaria.
 (olhando para uma palmeira)
 A. Dessa eu não gosto não, só da outra. Solta... (D -4;9.2)

Destacada das demais ocorrências, por estar investida de uma carga aspectual (e não de sentido reversivo, como as demais do quadro 1), o neologismo *demexer* vem exprimir uma ação (a de mexer) a se desenrolar no tempo sob a forma de movimentos repetidos: o carro que trepida, as árvores agitadas pelo vento. Inaugura desta maneira a criança outra relação entre a palavra assim composta e a coisa a ser expressa, cujo resultado ou efeito é belo. E com ela se compraz o investigador, que se deparou com o achado. Em estado de encantamento, não muito diferente de quem recolhe em uma escrita ou prosa poética um neologismo de seu escritor preferido. Não é por acaso que convocamos Guimarães Rosa nesta apresentação: é o próprio exemplo da morfologia em estado de exuberância... De “Grande Sertão: Veredas”, transcrevemos alguns neologismos com des-:

“Em falso receio, desfalam no nome dele - dizem só: o Que-Diga.” (G. Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, p. 9). [Falando do demônio], numa glosa, *desfalam* seria *calam*, *silenciam*, *deixam de pronunciar*.

“Dia da gente desexistir é um certo decreto - por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê.” (id., *ibid.*, p. 43). Numa glosa, *desexistir* seria *deixar de existir*, *morrer*.

“Assim já tinha ouvido de outros, aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu desouvia. Perguntar a ele, fosse? Ah, eu não podia, não. Perguntar a mais pessoa nenhuma; chegava. Não desesquentei a cabeça.” (id., *ib.*, p. 96). Numa glosa. *esfriei*.

“Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinfluido.” (id., *ibid.*, p. 138). Numa glosa, *deixando de influir*.

Ao estrear novos verbos, tal amostragem nos faz conhecer pelo menos três nuances diferentes do prefixo des- (algumas delas se assemelhando às da fala da criança⁴⁶, e isto é o que nos parece mais fascinante). Onde a marca de cada um? Dentro deste espaço possível em que se movem uma língua e um sujeito de língua - creio que se poderá dizer assim.

No caso da criança, sobra-lhe uma faixa de tempo, que transcorre aí pelos seus 3-4-5 anos, na qual capturada pelo funcionamento da língua, chega àquilo que o observador

⁴⁶ Seja, por exemplo, a ocorrência *Eu descaprichei*, em que A se refere ao fato de que não caprichara ao fazer a lição. Em *desfalam* (G. Rosa), temos algo parecido.

recebe como novidades (ou estranhezas, se pensarmos nos dados de 2.3), e que o investigador, interessado (ou também encantado), recolhe e agradece, alimento que é de sua pesquisa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados em 2.2 e 2.3 permitiram avançar das formações neológicas envolvendo um prefixo produtivo aos verbos comportando sufixos destoantes, reconduzindo-nos agora - já com vistas a uma conclusão - a este fenômeno (bem ou mal, na literatura da área Aquisição de Linguagem), rotulado como “erro”.

Quanto aos últimos (2.3), diremos que procedem de um movimento que interessa ao estudioso, não exatamente como sinal da constituição de subsistemas (como uma hipótese alinhada aos processos reorganizacionais, tenderia a enfatizar), mas como indício de que, sob a capa das combinações amarradas, existe um ponto que é suscetível de uma combinação de formas, formas que concorrem para ocupar aquele lugar, e que, somente num estado de língua, como aquele experimentado na infância se dão a conhecer com tamanha visibilidade. Ao invés de assumir, face à aquisição da linguagem, uma visão de mudança que opera por mecanismos de indução e generalização, preferimos adotar aquela em que a mudança é efeito da língua sobre a língua, ordem à qual o sujeito é submetido; e não o contrário.

No lugar do termo “circulação” do parágrafo acima, diríamos ainda “ciranda”, pois é neste ponto sensível (fronteira de unidade) que as peças giram. E isto acontece, conforme adiantamos atrás (quando consideramos as ocorrências da seção 2.2: *dilipe* e *diporta*), sem que seja abandonada a grade (ou moldura) em que tal movimento de substituição se efetiva; o eixo sintagmático cumprindo seu papel nesta estrutura morfológicamente complexa. No caso da variação na formas flexionais, este é sede de uma constelação de combinações, algumas das quais, em momento futuro do caminhar da criança com a língua, serão definitivamente sepultadas⁴⁷.

Contemplemos este ponto de chegada: dados posteriores de A, de J e de M atestam que verbos como *ensinar*, *fechar*, *lembrar* só tomarão as formas que a gramática do adulto reconhece como terminações de primeira conjugação (-ei, -ava, para exemplificar, apenas com um segmento...); de outra parte, (continuando na ilustração...) verbos como *aprender*, *abrir*, *esquecer* só tomarão as formas -i, -ia, que correspondem às da segunda-terceira conjugações; sendo importante acrescentar que tal relação é uma relação de necessidade, posta pela gramática da língua. Assim se comportam os verbos na fala do adulto, fala à qual a da criança vem fatalmente se alinhar. O mistério maior residirá então, nesta altura, não mais em constatar que uma relação contingencial (de efeito de língua sobre língua tenha levado a combinações “insólitas”, explicáveis pela relação de adjacência e de alinhamento a formas *in absentia*), mas que, passado este estado, que nos deu acesso a essa pletora⁴⁸,

⁴⁷ No caso dos itens submetidos a processo de derivação, tais como os que, em português, fazem nascer os deverbais regressivos, os nomes se abrem a três sufixos diferentes: -o, -a e, em menor proporção, -e. Este terreno é igualmente propício, como já visto em Figueira 1995b, para o florescimento, na fala da criança, de formações divergentes da fala adulta, algumas das quais serão adiante obliteradas.

⁴⁸ Retiramos o termo do artigo de Karmiloff-Smith (op. cit.), para usá-lo à nossa maneira. Segundo o dicionário, “Pletora” significa “superabundância”, “excesso”.

venhamos – no caso de 2.3 - a ter produtos com alto grau de estabilidade⁴⁹. A ponto de que, se um verbo novo for introduzido na língua, digamos: *plugar* ou *enfofecer* (o primeiro de fato atestado, o segundo recém-inventado por nós, neste momento⁵⁰), o primeiro abrir-se-á a *pluguei, plugava*, etc (e não *plugui, pluguia*) e o segundo, a *enfofeci, enfofecia*, etc (e não *enfofecei, enfofeçava*). Não é a este fenômeno que damos o nome de regra?⁵¹

Bem, é hora de nos perguntarmos, o que se perde na passagem dos erros para o estado final, definido pelo desaparecimento das combinações divergentes e emergência dos acertos. Embora a formulação perda-ganho se veja investida de uma inevitável avaliação (difícil talvez de ser anulada, no contexto particular do paradigma verbal), creio que o fato gramatical que a fala das crianças (A e J, e de outras, como M, cujos dados foram aqui analisados) vem revelar é uma relativa ausência de restrições sobre a combinação de formas, o efeito disto sendo tornar visível uma parte do funcionamento da língua, que adiante será barrado ou esquecido, as formas sendo marcadas com o sinal de asterisco que a Linguística lhes destinou. A tal ponto obliteradas ou esquecidas, que a sua rara e eventual aparição na fala do adulto revestir-se-á de um efeito de escorregão ou desliz: ele é tal que conduz o próprio falante a se surpreender como o que acaba de sair de sua boca!

Do que nos foi dado observar em relação a nossos sujeitos e alguns outros (como M), a criança virá a conjugar os verbos como todo mundo - repetimos. Quanto aos outros dados, como alguns dos neologismos examinados em 2.2 e as segmentações divergentes em 2.1, restarão como uma possibilidade de, pela via de uma formação inédita ou de uma “recriação” sobre a matéria fônica (por caminhos que se assemelham apenas quanto ao resultado), conduzir quem escuta a um estado de contemplação que encosta por vezes naquilo que chamamos de belo, por diferente⁵², por nos fazer experimentar uma sensação nova, que talvez seja tão-somente o resgate de algo que já conhecemos de outro lugar.

Ressalvada a particularidade de cada uma das coleções de dados, creditamos aos neologismos e às combinações verbais destoantes aqui rerepresentadas, a um movimento de transbordância, que releva da captura do sujeito pelo funcionamento lingüístico. Quer-nos parecer que o fenômeno assim nomeado é mais amplo do que o da extensão analógica, capaz de acomodar não só os fatos afeitos à possibilidade expansionista da unidade morfológica, os neologismos⁵³ (evidência irrecusável da recorrência de um processo, fato a que a teoria lingüística dá o nome de derivação ou composição), mas também os fatos afeitos à possibilidade, atestada no processo de aquisição da linguagem, de transvariação de unidades morfológicas de um agrupamento para outro⁵⁴. Como tal, apresentam-se como um *locus* para a entrada de Saussure

⁴⁹ Esta observação é válida para o fenômeno descrito em 2.3. Já o que descrevemos em 2.2 afeta diferentemente o sujeito, que pode inovar ou acolher inovações.

⁵⁰ Para criar um verbo de segunda conjugação (pouco produtiva), só mesmo através de um sufixo incoativo (-ecer). Não me ocorrendo exemplo melhor, segue este.

⁵¹ Há uma brincadeira entre adultos, chamada *tobetar*, que nos dá a dimensão de como o falante adulto se comporta em relação à flexão de novos verbos.

⁵² Assumo neste momento o meu próprio prazer em escutar as crianças no florescimento de suas palavras.

⁵³ Segundo Saussure (*Écrits*, p. 184), tais peças são “*les formes où l’activité de la langue et sa manière de procéder trouvent à se manifester dans un document irrécusable*” (grifo meu).

⁵⁴ É sobretudo este último fenômeno que nos leva a suspeitar de que a *overextension*, tal como descrita na literatura da área, é insuficiente para dar conta de dados da morfologia verbal do português, na forma como se apresentam no processo de aquisição por alguns sujeitos.

(ou de seu legado) nos estudos de aquisição da linguagem. Um fenômeno que expõe a língua em excesso. Ou – como fala Parret⁵⁵ - sua movência. Preferimos dizer com De Lemos: o movimento da língua, naquilo que tal movimento exhibe como efeito da língua sobre ela mesma⁵⁶. De outra forma, não entenderíamos a afirmação de Saussure: a língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. (1990). *Da Fala à Linguagem: tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOWERMAN, M. (1982). "Reorganizational processes in lexical and syntactic development". In *Language Acquisition: the State of the Art*. Wanner & Gleitman (ed.). Cambridge: Cambridge University Press. 320-346.
- CLARK, E. (1993). *The Lexicon in Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COUTO, M. *Cronicando*. Lisboa: Ed. Caminho. (7.a ed.).
- DE LEMOS, C.T.G. (1992). "Los Procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio". *Substratum*, 1. 121-135.
- _____.(1998). Os Processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. *Substratum*. Porto Alegre: Artmed. 151-172.
- _____.(2002). Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42. IEL, UNICAMP. 41-69.
- _____.(2003). "O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição de linguagem". Albano e alii (org.), *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras. 515-533.
- _____.(2006). "Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem". *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. Lier de-Vitto & Arantes (org.). São Paulo: Editora PUC-SP/ FAPESP.
- FIGUEIRA, R.A. (1984). "The development of causativity expression: a syntactic hypothesis". *Journal of Child language*, 11, 1, Cambridge University Press. 109-127.
- _____.(1995). "Erro e enigma na aquisição da linguagem". *Letras de Hoje*, 102. Vol. 30, nº 4. PUC-RS, 145-162.
- _____.(1995b). "A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas criações lexicais da fala de duas crianças". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 26. Campinas-S.P. 49-80.
- _____.(1996). "O Erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem". In Castro (org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp. 55-86.
- _____.(1998). "Os Lineamentos das conjugações verbais na fala da criança. Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística". *Letras de Hoje*. v. 33, n.o 2. Porto Alegre, RS. p 73-80.
- _____.(1999). "A aquisição dos verbos prefixados por des-". Basílio, M. (org.). *PaLavra*, 5. R.J: PUC. 190-211.
- _____.(2000). L'acquisition du paradigme verbal du portugais. Les multiples directions des fautes". *Cahier d'Acquisition et de Pathologie du Langage (CALAP)*, 20. 45-64.

⁵⁵ Notas do Seminário apresentado pelo prof. Hermann Parret em 2007, IEL, UNICAMP.

⁵⁶ Citamos De Lemos 1992 (a partir de 1998): "Se a experiência com a linguagem não supõe uma atividade consciente, o efeito reorganizador de ouvir e produzir enunciados deve ser interpretado como efeito da linguagem sobre a própria linguagem" (p. 167).

- _____.(2001). “Marcas Insólitas na aquisição do gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso”. *Linguística 13*. Hedra. Publicação da ALFAL. 97-144.
- _____.(2001). “Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... Humor e aquisição da linguagem”. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, vol 6. p. 26-61.
- _____.(2003). “A Aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros”. Albano e alii (org.), *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras. 479-503.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1986). “From meta-processes to counscious access: evidence from children’s metalinguistic and repair data”. *Cognition*, 23. 95-147.
- MALDONADE, I. R. (2003). “Erros na aquisição da flexão verbal: uma análise interacionista” IEL, UNICAMP. Tese de doutorado (inédita). IEL, UNICAMP.
- MARINI-IWAMOTO, D. (2006). “Os Movimentos de sentidos nas adivinhas: um estudo enunciativo”. Tese de doutorado (inédita). IEL, UNICAMP.
- MILNER, J.C. (1989). *Introduction à une Science du Langage*. Paris: Le Seuil.
- SAUSSURE, F. de (1916/1971). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- _____.(2000). *Écrits de Linguistique Générale*. Paris: Ed. Gallimard.
- ULMANN, S. (1977). *Semântica. Uma Introdução à Ciência do Significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.

ANEXO

Quadro 1

- Dados de A e J
- (15) (A vai tomar leite; este está muito quente; a mãe intervém)
M. Tá quente.
A. Então *diquenta*.
M. Quê ?
A. Então *diquenta* um pouco, né ? (D - 3;11.10)
- (19) (a mãe tinha abaixado o zíper do vestido de A, querendo brincar com a criança)
A. Ah! Não! *Cê tá dezipando !* (D - 4;1.27)
(32) (pedindo para a mãe tirar o laço do vestido)
J. *Deslaça*, mãe.
M. Hein ?
J. Não precisa, vai. (D - 4;6.4)
- (17) (a mãe fecha uma caixa de brinquedos; decepcionada, A diz)
A. *Cê diabriu !* (D - 4;1.17)

⁵⁷ Nos casos em que se faz necessário colocamos entre parênteses uma glosa da fala da criança incidindo sobre o item verbal.

- (18) (vendo a bexiga murchar, A pergunta à empregada)
A. Ela fica maciinha ?
E. Ela tá macia.
A. Ela *demurchar* outra vez ? (= enche)⁵⁷ (D - 4;0.19)
- (30) (mexendo no vidro de perfume)
J. Eu *vou desabrir* o perfume e vou levar.
M. O quê, Ju ?
J. Eu vou destampar o perfume e vou levar prá ela. (D - 4;5.17)
- (31) (a criança observa a mãe no banheiro; esta abre o chuveiro e em seguida, desistindo, fecha-o; depois torna a abri-lo)
J (em tom de crítica). *Desfecha* ... e abre. (= fecha) (D - 4;6.2)
- (20) (A está comendo muito; o pai observa que, desta forma, a barriga vai ficar muito grande; A aperta a barriga para diminui-la)
A. *Dimurchar* aí... (= murchar, esvazia) (D - 4;1.13)
- (23) (A vê a mãe montar e encher uma piscina de plástico à meia-água; depois, vendo-a retirar um pouco de água de seu interior, teme que a piscina volte a ser um plástico plano e liso)
A. *Vai dimurchar! Vai dimurchar!* (= murchar, esvaziar) (D - 4;2.8)
- (27) (a empregada, mãe e filha tiram o pó dos móveis para levá-los para a outra casa; a mãe tinha dito à primeira para limpar os móveis)
A (repetindo para a empregada). Minha mãe falou para *dilimpar*.
M (interessando-se). Como é, minha filha ?
A. Cê falou prá *dilimpar*, não é ? (D - 4;9.3)
- (21) (A pede à mãe, com impaciência, para fechar a sombrinha aberta)
A. *Diporta ! Diporta !*
M. ?! (D - 4;1.27)
- (22) (com o guarda-chuva aberto, A pede à mãe)
A. *Dilipe* aqui meu guarda-chuva.
M. O que é “dilipe”, bem?
A (recusando-se a dizer). Abaixa aqui prá mim, vai... (D - 4;1.27)
- (37) (A chama a atenção de J para um papagaio bem falante, que fica na sacada de uma casa, ao lado da qual estão passando)
A. Cê viu, Ju, aquele papagaio que fica ali na casa?
J. É, ele fala oi, oi, oi !
Desoi, desoi, desoi ! (D - 5;1.7)

Quadro 2

- Dados de A
- (3) (comentário sobre a mãe)
A. Mamãe não *sabe dirijá*. (D–2;10)
- (5) (a mãe ensinava a se lavar)
A. Eu *aprendei*, né? (D–3;0.12)
- (7) (a amiga pede a A uma sacola)
D. Eu ‘*quecei*’ lá.
E. Cê esqueceu?
A. ‘*Quecei*. (G–3;2.13)
- (8) (Na casa dos avós, ao ouvir uma música típica mineira, exclama)
A. Quanto tempo eu não *ouçava* esta música! (D–3;11.17)
- (13) (a mãe tenta ensinar à criança o que é mentir)
M. Mentir, bem, é falar/falar uma coisa que não é verdade, por exemplo, a mamãe chega aqui e pergunta: Anamaria, cê vomitou ontem?” Cê fala assim: “Não”. [...] Entendeu?
A. *Entendei*. (G–4;3;3)
- (14) (a se aborrece com a mãe porque esta não compreendeu algo)
A. Cê não *entendiu* que eu falei, mãe. Cê não *entendiu* que eu falei prá você.
M. Entendi sim.
A. Não entendeu. Não entendeu nada. (G–4;3.19)
- (16) (A atira uma bolinha longe)
M. Mas será que perdeu?
A. *Perdou*.
M. Hein?
A. *Perdiu*. (G–4;5.13)
- (17) (a caminho da aula, A conta para a mãe)
A. Um dia eu falei assim prá Dora: “O gato me espinha”. Mas ela não entendeu. Aí fui falando toda hora toda hora e ela entendeu. Ela não tava entendendo. Aí ela falou: “Agora eu entendi”. Daí ela *entendiu*, mãe. (D–4;5.24)
- (20) (A pega um batom velho e observa que ele agora está funcionando)
A. Antes ele não *fechia*. Por que agora tá fechando?
M. Antes o quê?
A. Antes não *fechia*. (D–4;7.27)

- (24) (A se esforça para encaixar a peça de Play Mobil em outra; quando consegue diz satisfeita)
A. Ai! Tentei!
M. Hein?
A. *Tenti*. Tentei.
M. Não... Cê “conseguiu”. (G-4;8.14)

- (39) (J, a irmãzinha de A, atira um objeto na testa de A)
A. E se tinha sair sangue?
M. Era pior.
A. E se cortou/ e se a Ju batia a lata bem forte e *cortia* a cara?
M. Era muito pior, minha filha. (D-5;0.1)

- (40) (brincando com a boneca, A fala como se fosse adulta)
A. Ai, nem me diga. A senhora nem vai me *digar*. (D-5;2.17)

Dados de J

- (44) (depois de ter conseguido fazer algo)
J. Eu *aprendei*. Eu *aprendi*. (D-2;6.7)

- (47) (J coloca o fio da vitrola na tomada; ouve-se um barulhão)
J. *Fazeu* barulho, mãe! (D-2;7.1)

- (48) (depois de fazer xixi, J declara)
J. *Fazou*. (D-2;7.1)

- (50) (dizendo para a mãe o que tinha feito com a chave)
J. Eu não *escondei*, mãe.
M. O que?
J. Eu não *escondava*. Eu não *escondi*. (D-2;10.29)

- (52) (J coloca o apontador dentro da pasta)
J. *Cabeu*, mãe.
(a mãe duvidava que coubesse)
M (corrigindo). Não é “cabeu”, é “coube”.
J. *Coubeu*. (D-3)

- (58) (o telefone toca; a irmã mais velha se adianta para atender)
J. A Anamaria não pode *atendar*, né mãe? Só o papai pode *atendar*.
(D-3;2.10)

- (65) (a mãe se aproxima de um objeto que fora consertado)
J. Não mexe aí. Tá quebrado. Foi eu que *quebri*. Tá com cola. Ai meu Deus, vai sair a cola.

M. Foi hoje?

J. (com decisão). Não, foi amanhã. (D – 3;4.29)

(69) (conversando com o pai)

J. Se eu era pequenininha, cê *passia* (= passava) talco em mim?

(D – 3;8)

.....

Dado de M

M. Ce veio no meu vesário?

Ir. Lógico que vim. Não lembra mais?

M. Não, não, não.

Ir. Esqueceu?

Ir. Hum.

M. Que ô chô chata.

Ir. Ah, é?

M. Eu não *lembri* não.

Hum.

M. Eu tava aqui na minha casa. Eu não lembrei cê tava. (G – 3;0.07)